

Fundador: cuidado para não ficar sozinho!

Antonio Luiz de Paula e Silva



Refleta um momento sobre as seguintes perguntas:

Se eu morresse hoje, o que aconteceria com meu projeto?



Quem está preparado para assumir o projeto, além de mim?



Daqui a alguns anos, que papel eu quero ter neste projeto que eu ajudei a criar?



Como será o projeto sem a minha presença?



O que eu preciso fazer para "proteger" o projeto de mim próprio?



Que mecanismos devo criar para garantir a continuidade do projeto no longuíssimo prazo?



Como evitar que o projeto se torne uma "bola de ferro" presa aos meus pés, no longo prazo?



Nós, fundadores de iniciativas sociais, assumimos o papel de pioneiros. Cada um de nós sabe o que é o desafio de começar algo, seguir numa direção diferente de todos, realizar uma coisa que "ninguém" realizou ainda. Coragem é uma palavra com a qual estamos acostumados a conviver. Muitas vezes, porém, nesse caminho nos sentimos sozinhos.



Nestas horas, perguntas como estas são cruciais para nós. Especialmente porque sabemos que a continuidade e o impacto efetivo do nosso projeto depende de outros, não de nós.

Devemos reconhecer que, por um certo tempo, é necessário (e saudável) convivermos com uma certa dependência do projeto sobre nós. O sucesso da iniciativa depende deste

nosso sacrifício. O desafio é, a partir de certo ponto, romper com essa dependência, de maneira construtiva.

Uma das formas de reduzir a dependência e alavancar o desenvolvimento e a sustentabilidade da organização é criando e desenvolvendo um conselho diretor. Não um conselho como muitos que vemos por aí: apático, formado por pessoas "famosas", dedicado a questões pontuais, utilizado apenas para captação de recursos, que mal conhece o projeto em que está metido. Estou falando de um conselho que atua como guardião da missão do projeto na sociedade, que é um parceiro confiável e disponível para os momentos mais críticos, que respeita e reforça a cultura da organização (com exemplos), que co-responsabiliza-se por atrair recursos, que faz perguntas difíceis, está preocupado com o longo prazo e coloca todo seu potencial à disposição da entidade, com sabedoria. Este tipo de conselho é que precisa ser criado e desenvolvido. Um conselho destes a gente não ganha, a gente constrói, exigindo muito tempo, dedicação e paciência.

Um bom conselho é capaz de exercer bem três grandes papéis:

-  **Papel legal:** o conselho assume a responsabilidade legal pela instituição, representando-a perante a lei e dando condições para que uma equipe executiva tenha condições de lidar com os recursos e os serviços da melhor maneira possível. O estatuto exige que determinadas pessoas assumam, voluntariamente, responsabilidades legais pela entidade. Em nosso país, tanto a "assembleia geral", como a "diretoria" podem, na prática, assumir a função de conselho.
-  **Papel simbólico:** o conselho representa algo. É por isso que muitas instituições convivem anos com conselheiros que nunca aparecem: porque acham que simplesmente usar o nome deles em relatórios, projetos e cartas traz credibilidade e "abre portas". Ele pode ser uma fonte segura de legitimidade e proteção.
-  **Papel funcional:** o conselho faz algo. Ele assume tarefas práticas e trabalha pela organização. O conselho geralmente tem muito talento para isso, embora nem sempre muito tempo disponível. Ele trabalha desde dando telefonemas para "abrir portas", como também participando de reuniões e ajudando a tomar decisões.

Muitos líderes de projetos temem conselhos, porque são difíceis de serem liderados. Eles têm opinião própria, não estão ali para serem conduzidos ou manipulados.

Para criar e desenvolver conselhos é preciso atuar em três pontos: a principal liderança executiva do projeto (você, fundador, precisa ser o primeiro a querer isso!), os próprios conselheiros e a relação entre os dois. Se qualquer um deles for subestimado, surgirão desequilíbrios e, provavelmente, decepções.



instituto fonte
para o Desenvolvimento Social
uma união Christophorus-FONTE